

O USO DE METÁFORAS POR SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO-AFÁSICOS

Maria Eduarda Marques Mateus FERREIRA
Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato

Resumo: O tema principal desta pesquisa é a metaforicidade no contexto das afasias. Para tanto, o estudo está concentrado no levantamento e na análise da emergência de expressões linguísticas metafóricas na linguagem de pessoas afásicas e não-afásicas em contextos conversacionais. A expectativa da pesquisa é contribuir para o entendimento do escopo do termo afasia, tendo em vista a consideração dos processos pelos quais afásicos produzem e interpretam as metáforas na linguagem em uso e para a compreensão do impacto da carência metalinguística própria dos afásicos no processamento de metáforas (metáforas novas, metáforas convencionais, enunciados proverbiais, expressões idiomáticas, etc.). A identificação das expressões metafóricas, bem como a análise realizada tiveram por base as reflexões de Lakoff & Johnson (1980) e seus pressupostos, além de estudos sobre a metaforicidade de cunho sociocognitivo e interacional.

Palavras-chaves: Neolinguística; Metáfora; Afasia; Linguagem; Cognição.

1. INTRODUÇÃO

No percurso de uma tradição científico-filosófica que procura superar os limites do cognitivismo clássico, surge a obra de Lakoff & Johnson (1980/2002) sobre metáforas, que defende a existência de todo um sistema conceptual metafórico que ancora o pensamento e a ação dos seres humanos:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo com pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora. (Lakoff, G.; Johnson, M. 2002, p. 45 – 46)

Ao questionar a dicotomia entre o linguístico e o cognitivo, a concepção interacional de metáfora que se observa no período que se segue à publicação da obra, atua de forma decisiva no aprofundamento de uma perspectiva sociocognitiva da linguagem. Tendo em vista essa inflexão teórica, podemos observar vantagens explicativas que esses estudos fornecem para o campo dos estudos neurolinguísticos, com repercussão na definição do escopo do termo afasia para os nossos interesses.

Estudos mais recentes sobre metáfora admitem que o fenômeno da metaforicidade não deve ser redutível ao linguístico ou ao estilístico, e sim a uma propriedade simbólica humana. Isso quer dizer que não há metáfora sem pensamento, mas o pensamento expresso na metáfora depende da linguagem. O entendimento da metáfora convoca diversos processos de construção do sentido; não se trata de um simples deslocamento de palavras, mas de um amalgamado de pensamentos, dependendo assim de processos intersubjetivos, cognitivos, linguísticos, corporais, pragmáticos, contextuais, etc. (KÖVECSSES, 2006; CAMERON, 2003; VEREZA, 2007, 2010; MOURA, 2002, 2005, 2008; GIBBS, 2002; MORATO, 2008, 2012, etc.).

O princípio básico dessa inflexão teórica de cunho pragmático e sociocognitivo que vem ocorrendo a partir dos estudos da metáfora que se seguem à obra de Lakoff & Johnson (1980) é que esta deixa de ser apenas um instrumento estritamente linguístico e passa a ser o instrumento por excelência da capacidade humana de dar sentido ao mundo. É dentro desse espírito, que procura desfazer a dicotomia pensamento x linguagem, que a descrição e explicação da metáfora podem se tornar mais fiéis à massa de dados das metáforas reais (MOURA et al., 2007). Principalmente, neste caso, as encontradas em situação real de uso, como é o contexto das práticas interacionais e discursivas da conversação entre afásicos e não-afásicos.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Como questões ou preocupações teóricas de fundo desta pesquisa, elencamos: (i) o questionamento da dicotomia existente no campo dos estudos neurolinguísticos tradicionais entre o linguístico e o cognitivo; (ii) uma melhor compreensão do uso de metáforas por parte dos sujeitos afásicos no âmbito dos estudos afasiológicos; (iii) a problematização da noção de metalinguagem no contexto das afasias, cuja característica essencial é a perda ou alteração da capacidade de realizar operações metalinguísticas, tais como nomeação, descrição ou repetição de palavras e frases. Os afásicos não conseguiriam fazer abstração ou processar aspectos figurativos da linguagem e da cognição, estando o uso ou entendimento de metáforas fortemente limitado ou prejudicado. A expectativa da pesquisa, a partir desses interesses, é contribuir para (i) o entendimento do escopo do termo afasia, tendo em vista a consideração dos processos pelos quais afásicos produzem e interpretam as metáforas na linguagem em uso e para (ii) a compreensão do impacto da carência metalinguística própria dos afásicos no processamento de metáforas (metáforas novas, metáforas convencionais, enunciados proverbiais, expressões idiomáticas, etc). Em termos metodológicos, esta pesquisa procede a um levantamento da ocorrência de fenômenos metafóricos na conversação entre afásicos e não afásicos.

O presente trabalho consiste, pois, no estudo de um *corpus* constituído de interações desenvolvidas no CCA, Centro de Convivência de Afásicos sediado no Instituto de Estudos da Linguagem e coordenado pela Professora Doutora Edwiges Maria Morato. A parte empírica está configurada da seguinte forma: (i) levantamento das ocorrências de processos metafóricos no *corpus* extraído das conversações entre afásicos e não-afásicos que frequentam o CCA, tais conversações encontram-se no *AphasiaAcervus*¹; (ii) descrição dos contextos enunciativos de emergência dos processos metafóricos identificados em (i); (iii) análise dos dados à luz das questões de fundo teórico da pesquisa.

Os resultados obtidos poderão melhor caracterizar a dimensão sociocognitiva da linguagem e seu papel no contexto patológico em questão, considerado pela literatura especializada a alteração metalinguística por excelência.

2.2. Objetivo Específico

Esta pesquisa tem como objetivo específico proceder a uma discussão teórica e empírica sobre o fenômeno da metaforicidade e suas implicações para o estudo das afasias. Como objetivos específicos, (i) levantar as ocorrências de fenômenos metafóricos em um *corpus* constituído de conversações entre afásicos e não-afásicos que integram um dos grupos do Centro de Convivência de Afásicos (IEL/Unicamp), (ii) analisar, sob uma perspectiva textual-interativa (Marcuschi, 2002; Koch, 2004), processos envolvidos na produção e na interpretação de metáforas, idiomatismos e provérbios; (iii) atentar para as significações verbais e não verbais presentes na produção de interactantes afásicos.

3. QUADRO TEÓRICO ADOTADO

Segundo Marcuschi,

A linguagem é uma forma de cognição sócio-histórica e de caráter eminentemente interativo. Tendo o conhecimento como um produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual, a cognição passa a ser vista como uma construção social e não individual. (2002, p. 1)

Em relação aos estudos metafóricos, o contexto de uso e suas circunstâncias interacionais (*intersubjetivas* e *perspectivais*, nos termos de Tomasello, 1999/2003) têm sido frequentemente ignorados (Vereza, 2007; Moura 2012), mas a metáfora, como muitos outros usos da língua, é projetada para outras pessoas e para fins de determinadas intenções comunicativas e produção de sentido.

Segundo Mondada (2001 apud Marcuschi 2002, p. 46), “a língua existe na e pelas práticas discursivas dos locutores”; a língua se manifesta como um conjunto de práticas sócio-interativas. Portanto, não podemos excluir essa característica interativa da metáfora que se desenvolve na linguagem em uso em todos os tipos de esferas conversacionais. Por este motivo, vários pesquisadores (como Heronides Moura, Rosângela Gabriel, Solange Vereza, Luiz Antônio Marcuschi, Edwiges Morato e etc.) reivindicam que a metáfora é, ao mesmo tempo, linguística, conceptual, neural, corpórea e social.

¹ <http://cogites.iel.unicamp.br/p/aphasiacervus.html>

Tendo em vista os interesses da pesquisa, a perspectiva teórica adotada será a interacionista (Morato, 2004). Mais especificamente, toma-se a concepção de metáfora na perspectiva desenvolvida no campo dos estudos de base sociocognitiva, que partem de ou levam em conta – embora de maneira crítica –, a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC), de Lakoff e Johnson (2002), procurando expandir seus limites em função do interesse pela análise de fenômenos sócio-interativos, pragmáticos, discursivos (como Cameron, Vereza, Morato, Moura, etc.).

Em 1980, Lakoff e Johnson elaboraram, na obra “Metaphor we live by”, a Teoria da Metáfora Conceptual, entendendo que a metáfora conceptual é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiências em termos de outro, normalmente de modo inconsciente. Nessa perspectiva, a metáfora é chamada de conceptual porque fornece o conceito de algo,

Para dar uma ideia de como um conceito pode ser metafórico e estruturar uma atividade cotidiana, comecemos pelo conceito DISCUSSÃO e pela metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Essa metáfora está presente em nossa linguagem cotidiana numa grande variedade de expressões: (...). É importante perceber que não somente falamos sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário. Atacamos sua posição e defendemos as nossas. (Lakoff, Johnson, 2002, p. 46 – 47).

Assim, já na década de 1970, inicia-se uma substancial mudança em relação aos paradigmas vigentes nas pesquisas sobre a metáfora (estritamente linguísticos ou estritamente mentais), e hoje, quase quarenta anos depois, há uma variedade de teorias que abordam a metáfora dentro e fora do campo da psicologia cognitiva,

Essa teoria (Teoria da Metáfora Conceptual) certamente captura um elemento essencial da metáfora, no entanto fatores mais específicos são necessários para a decodificação de uma metáfora em situação real de uso. A indeterminação da metáfora exige um trabalho de interpretação mais fino por parte dos falantes, e isso não pode ser desconsiderado na análise teórica. A meu ver, é natural que os cognitivistas ofereçam da metáfora um retrato eficaz, mas que não dá atenção aos contornos e às nuances. Eles estão de fato preocupados com os fatores cognitivos mais gerais que fundamentam o uso da língua, e não com as especificidades das construções linguísticas. (MOURA, 2002)

Dentre os estudiosos que têm se dedicado a aspectos linguísticos, pragmáticos e sócio-cognitivos das metáforas no Brasil e no Exterior, poderíamos citar: Heronides Moura, Solange C. Vereza, Margarida Salomão, Tony B. Sardinha, I. A. Richards, Max Black, Eva Kittay, Mark Turner, Edwiges Morato, Michael Halliday e Lynne Cameron, etc. A questão que permeia as pesquisas realizadas por esses e outros autores da área dos estudos linguísticos e sócio-cognitivos é a seguinte: “a metáfora é, fundamentalmente, um fenômeno que integra linguagem, cognição e discurso?”.

Percebeu-se por meio de estudos da linguagem e da cognição em uso, entre outras coisas, que os exemplos de metáforas no *corpus* utilizado por Lakoff & Johnson como prova linguística, do ponto de vista epistemológico, não passavam de hipóteses. Assim, propostas que surgiram visavam à utilização de exemplos retirados de usos autênticos da língua e não apenas da intuição do pesquisador. Foi com a constatação de que a

linguagem em uso, ou o discurso, não era apenas o universo de manifestações linguísticas de metáforas conceptuais, mas de articulações cognitivas e pragmáticas e até mesmo de emergência de novas metáforas conceptuais (metaforema), que a linguagem recuperou o seu estatuto de *locus* da metáfora, pois a virada cognitiva deslocou, deliberadamente, seu foco para longe da linguagem, pois o foco anterior, com a virada paradigmática dos estudos da metáfora, estava na mente (Vereza, 2010). Desta forma, o *locus* da metáfora passa a ser o discurso, se entendermos esse conceito como o espaço em que aspectos sociocognitivo e linguísticos (se é que se pode fazer essa separação) se encontram para tecer a figuratividade.

Na agenda científica da Neurolinguística, a metáfora ocupa um lugar ainda incipiente nas pesquisas e discussões em geral. Na verdade, ela é estudada em contextos em que há uma dicotomia entre o que é literal e o que é metafórico, tal como ainda se

observam nos estudos e pesquisas clínicas baseadas na avaliação do estado mental de pessoas que sofreram lesões cerebrais (MORATO, 2012). Esta é a dicotomia que se pretende questionar nesta pesquisa, esse “mito do objetivismo” a que se referem Lakoff e Johnson (1980/2002) e que está presente até hoje em muitas pesquisas sobre o fenômeno da metaforicidade. Refletindo sobre essa questão, afirmam os autores:

a metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Por essa razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.3)

Considerando o exposto até aqui, vemos que dicotomias como a que se apontam acima, no âmbito dos estudos afasiológicos, ainda precisam ser revistas. Há estudos nesse campo que afirmam, com base em procedimentos limitados do ponto de vista metodológico (como as baterias de testes-padrão), que pacientes afásicos apresentam alterações de processamento abstrato em função da carência metalinguística; outros apontam que problemas relativos à metaforicidade dizem respeito a uma alteração de categorização semântico-lexical (MORATO, 2012). É possível verificar uma tendência nos estudos desenvolvidos com pessoas que sofreram lesões cerebrais que resultaram em afasia de afirmar que os pacientes são afetados por problemas linguísticos e não conceptuais/cognitivos. Percebemos que tais conclusões se devem aos limites estreitos das metodologias baseadas em testes laboratoriais e essencialmente metalinguísticos, que se esquivam de pensar a produção do sentido a partir de seus vários processos (contextuais, sociais, culturais, subjetivos) de sua constituição.

A propósito das implicações da desconsideração do contexto e da interação na constituição do sentido, afirma Marcuschi:

a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sócio-interativo permite a produção de sentidos. Assim, dizer que todo sentido é situado equivale a postular que nada se dá isoladamente. (2001, p. 51)

Nesta pesquisa, dedicada ao estudo de fenômenos metafóricos emergentes em situações interacionais, associamo-nos àqueles autores e perspectivas que procuram investigar como a metáfora está presente em nossas vidas - tanto que nem a percebemos - e de que modo ela se estrutura em nossas mentes, passando por várias teorias desde Lakoff & Johnson, autores centrais para os estudos atuais das metáforas e da metaforicidade até outros teóricos desse campo, brasileiros e estrangeiros supracitados.

Na abordagem de orientação pragmática realizada por Cameron (2003), dentre outros, que fala em Metáfora Sistemática ou Discursiva ou até mesmo de *uso*, encontramos base para as discussões que pretendemos desenvolver nesta pesquisa, em função do caráter sociocognitivo da metáfora e da importância da observação do uso linguístico. Assim, levamos em consideração as duas esferas interligadas na discussão atual sobre a metáfora: tanto o caráter social e interacional postulado, entre outros, por Cameron (2003) e Vereza (2007), por exemplo, quanto o caráter cognitivo tratado por Lakoff e Johnson (2002) e Moura (2007). Com isso, duas teorizações sobre a metáfora serão vistas em detalhe e de alguma forma relacionada entre si no escopo desta pesquisa sobre o fenômeno metafórico, a da Metáfora Conceptual e a da Metáfora Sistemática/Discursiva.

A respeito da articulação parcimoniosa entre essas teorizações, lembramos uma passagem de Vereza (2007, p. 491) na qual a autora afirma: “a visão discursiva da metáfora pressupõe a metáfora conceptual, como importante ferramenta na construção de significados em determinados campos do discurso”. Para a autora, o processo de literalidade é muito importante para entendermos como se dá a construção das metáforas, principalmente as metáforas conceptuais de Lakoff & Johnson. Moura (2005, p. 155), por seu turno, pondera sobre o fato de a interpretação de metáforas depender do conhecimento linguístico do indivíduo, não se tratando só de um mapeamento entre domínios conceptuais como propõem Lakoff e Johnson. Portanto, parece importante considerar aspectos linguísticos e cognitivos na análise da metaforicidade, pois, como afirmado pelos autores, ambos os processos constituem a metaforicidade.

Como nesta pesquisa se pretende trabalhar com dados de indivíduos afásicos, torna-se necessário uma breve apresentação do conceito de afasia aqui tomado *grosso modo* como o resultado de um comprometimento funcional de áreas específicas do parênquima nervoso relacionadas ao uso e compreensão da linguagem. Explícite-se que o quadro de afasia, comumente, é secundário ao deficiente aporte sanguíneo para o cérebro seja em virtude de eventos tromboembólicos seja decorrente de processos hemorrágicos presentes no contexto do acidente vascular cerebral (AVC) (Machado, 2006).

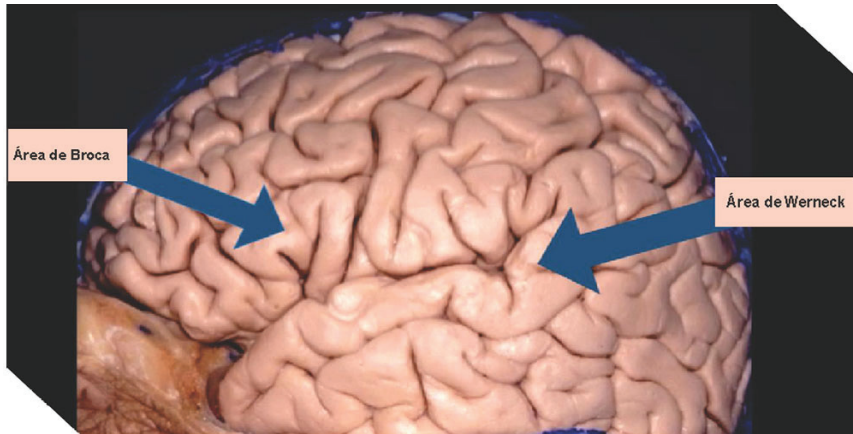


Imagem retirada do livro Rhoton's cranial anatomy and surgical approaches by Albert L. Rhoton Jr. Hardcover, 2007.

Um afásico, que apresenta alterações de linguagem oral e escrita, bem como eventualmente de sintomas e sinais neurológicos, não está isolado da sociedade, apesar das tentativas dos familiares e da própria sociedade, portanto, ele ou ela faz uso da linguagem e dela necessitam para se comunicar, mesmo com todas as dificuldades. Lembre-se, quanto a isso, que a linguagem não inclui só o ato de enunciar, ela é revestida de semiologias outras, como o olhar, o riso, os gestos, etc. Assim, torna-se cada vez mais difícil imaginar que afásicos não fazem uso de metáforas, ainda mais quando pensamos em metáforas ontológicas que transformam algo abstrato em algo concreto como em 'tempo é dinheiro', metáfora conceptual de onde podemos derivar outras tantas, como 'estou gastando meu tempo', 'eu não tenho tempo para comer', etc. Como afirma Vereza (2007, p. 18), a propósito, "o sentido literal é uma metáfora conceptual, que reifica ou entifica o sentido, para que possamos apreendê-lo cognitivamente e agir pragmaticamente sobre ele". Por isso, salienta a autora, fazemos usos de expressões metafóricas pensando estar usando-a no seu sentido literal, como no caso dos exemplos mencionados acima.

Esta pesquisa, como afirmado, pretende, mais especificamente focalizar as expressões metafóricas emergentes no *corpus* a ser considerado, levando em conta metáforas lexicais, idiomatismos e os provérbios. Faz-se necessária, no ponto em que estamos, uma breve explicação sobre esses fenômenos.

Podemos dizer que estes dizem respeito a unidades léxicas fraseológicas, muitas vezes fixas e consagradas pelas comunidades linguísticas, que recolhem das experiências vivenciadas em comum e as formulam como enunciados conotativos, sucintos e completos. Estes são empregados para ensinar, persuadir e etc. No entanto, o que importa para esta pesquisa é o caráter metafórico de todas essas expressões, pois as definições para cada uma delas ainda não são completas e se fundem, muitas vezes.

4. METODOLOGIA

Para este estudo, foi feito o levantamento e adensamento bibliográfico, a observação dos registros audiovisuais dos encontros do CCA que constituem o *AphasiAcervus*, relativos aos últimos anos de atividades do CCA e a organização do *corpus* da pesquisa (registros dos encontros semanais do CCA relativos ao ano de 2010 já transcritos, que totaliza 5h58min. de gravação).

Para a organização do *corpus* da pesquisa procedemos ao levantamento dos fenômenos metafóricos presentes nos registros do CCA que observamos. A partir daí, passamos à seleção do sistema de notação a ser utilizado para uma melhor visibilidade dos dados linguístico-interacionais (sabe-se que o afásico se expressa de várias maneiras, a partir de recursos semióticos variados, tais como produção verbal -o que inclui expressões interjetivas, vocalizações etc. - e não verbal - o que inclui expressões faciais e gestos corporais, etc.). Foi feito uma análise aprofundada dos dados obtidos do ano de 2010 com base no pressuposto teórico adotado, mais especificamente, na metodologia de análise de Lakoff & Johnson de forma associada à abordagem discursiva de análise de metáforas em situação real de fala. Essa articulação teórico-metodológica se justifica em função do fato de que, apesar de bem-sucedida a difusão no decorrer de três décadas, a teoria conceptual de metáfora passou a ser questionada por linguistas interessados no caráter linguístico da metáfora, pois o foco na cognição limita o papel da metáfora, principalmente as linguísticas: língua e estrutura conceptual interagem de forma bidirecional; assim, não deveríamos pensar nessas duas coisas como posterior ou anterior a outra.

Sendo assim, um aspecto negligenciado pela TMC é a linguagem em uso, e foi adotando esses dois conceitos sobre metáfora, conceptual e linguística, é que a análise da fala de afásicos e não-afásicos foi realizada.

Procuramos levar em conta que as dificuldades linguísticas próprias das afasias implicam, além de alterações metalinguísticas, dificuldades na predicação e menor fluxo de fala. Tais características estão entre aquelas que se projetam no conjunto de observações que estamos destacando em nossas análises preliminares, nas quais as esferas interacionais mostram-se diferentes nos contextos macro (esfera social mais ampla) e micro (esfera do espaço interacional do CCA) em que interagem os interactantes - afásicos e não-afásicos – construindo sentidos e ações conjuntas de forma colaborativa e negociada.

Portanto, considerando as esferas interacionais acima mencionadas, o fluxo da conversa depende em boa medida da bagagem cultural de cada sujeito, de suas experiências prévias e compartilhadas, de seus conhecimentos pressupostos e construídos no decurso da interação e da convivência semanal. Assim, por exemplo, um participante do CCA que possui um tipo de conhecimento sobre futebol e tenta através da argumentação criar metáforas que remetam ao futebol pode não ser compreendido inicialmente por outro que não tenha conhecimento sobre o assunto. Mas numa situação interacional, este último pode construir conjuntamente sentidos.

Constituído o *corpus* da pesquisa, verificamos que o número de metáforas encontrados no período de 5 meses, relativos ao ano de 2010 - equivalentes a 5h58min -foi 15.

A quantidade de metáforas encontradas foi insatisfatória no plano quantitativo; no plano qualitativo, porém, marcado pelo detalhe e pela diligência analítica, a pudemos encontrar resultados interessantes ao classificar as metáforas em situação real de fala usando classificações de Lakoff & Johnson junto as expansões feita por pesquisadores a eles posteriores.

Neste trabalho, procuramos analisar três situações de uso da metáfora.

5. ANÁLISES E RESULTADOS

Como já afirmado, procuramos analisar nessa pesquisa se o tipo de afasia apresentado pelos sujeitos interfere na capacidade semântico-pragmático de selecionar metáforas, sejam elas do tipo proverbial, idiomática ou convencional (criada em situação de fala espontânea).

Percebemos que o percurso linguístico-cognitivo realizado pelos sujeitos afásicos na seleção das metáforas indica que o sentido não depende apenas do sistema linguístico, mas constitui-se também de processos cognitivos, discursivos, culturais incluídos nos diferentes modos que o objeto do mundo se apresenta a nós. Em nossa pesquisa, classificamos as metáforas como Idiomáticas, Proverbiais e criadas no uso.

Considerando a complexidade linguística das línguas humanas e, especificamente, do Português Brasileiro, podemos observar um fenômeno linguístico que evidencia o caráter mutável das línguas: as expressões idiomáticas, doravante EIs, que são construções com mais de uma palavra que assumem um caráter metafórico, passando do individual para o social. Logo, sua compreensão não ocorre apenas com o aprendizado literal dos componentes linguísticos, sendo imprescindível considerar os usos dessas expressões. Por exemplo, “procurar uma agulha na gaveta” tem apenas um sentido denotativo, ao passo que a EI “procurar uma agulha no palheiro” é conotativa e cristalizada com o sentido de procurar algo difícil de ser encontrado. Tal significado, como se sabe, não é algo intrínseco às lexias, mas construído a partir da cultura, de maneira singular, por cada sujeito falante da língua. Portanto, “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA, 1998). Assim, para identificarmos uma EI consideramos as seguintes características: a indecomponibilidade da unidade fraseológica (quase não existindo possibilidade de substituição por associações paradigmáticas), a conotação (sua interpretação semântica não pode ser feita com base nos significados individuais de seus elementos) e a cristalização (consagração de um significado estável). Acrescenta-se ainda que, no caso dos idiomatismos, o caráter de fixidez acentua-se, ou seja, o fato de o sentido conotativo de uma EI advir de um acontecimento histórico-social, determinado por uma cultura, delimita seu significado. Por exemplo, “vestir o paletó de madeira”, que significa “morrer”, provavelmente tenha sido criado a partir da observação de que, em nossa cultura, os mortos são enterrados em caixões de madeira. E essa fixidez dificilmente será quebrada, pois na gênese de tal idiomatismo embute-se um dado cultural que não será modificado tão cedo.

Em relação às Metáforas Proverbiais, a palavra provérbio vem do latim *Proverbiu(m)* e apresenta formas e origens diversas. Pode receber o nome de sentença, máxima, princípio, axioma, adágio, ríflão, anexim, ditado, parêmia, proposição, dito, estribilho, brocardo, enigma. (CAZELATO, 2003, p. 17). Segundo Mota (1974:51 apud CAZELATO, 2003:17) o provérbio tem alta capacidade de abarcar praticamente todas as atividades humanas, porque tem como base as ideias que, por sua vez, são oriundas de vários compartimentos do conhecimento humano.

No meu entender, a inviabilidade de se chegar a uma definição geral de provérbio decorre do fato de que não se pode trazer todos os vários tipos desta forma concisa para uma só categoria: um provérbio não reúne todas as características atribuídas aos provérbios como um todo. Os provérbios devem ser encarados como uma classe geral, em analogia aos substantivos, por exemplo, com subclasses (VELLASCO, 2000, p. 11 apud Xatara; Succi, 2008).

Provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar. Definir um provérbio é um trabalho árduo, visto que há vários processos semânticos (representa uma verdade geral resumindo experiências vivida por mais de um indivíduo, seja sentimentos ou posicionamentos, por exemplo.), sintáticos (é uma unidade lexical conotativa e geralmente concisa, por exemplo) e pragmáticos (é atemporal e de maior frequência na modalidade oral de que na escrita, por exemplo.) envolvidos na formação de um provérbio, mas nem todos esse processos estão presentes quando se faz a análise dessa unidade lexical.

Metáforas em uso ocorrem quando um interactante possui um tipo de conhecimento sobre determinado assunto, por exemplo, jogo de basquete, e tenta através da argumentação criar metáforas que remetam à ideia que este gostaria de passar com o intuito de conjuntamente construir sentidos para exemplificar melhor seu pensamento.

Para exemplificar o que foi observado e tematizado na pesquisa, tomemos o fragmento conversacional transcrito abaixo, extraído de um projeto de iniciação científica intitulado “O uso de metáforas por afásicos e não-afásicos”²² da orientanda Maria Eduarda Marques Mateus Ferreira, orientada pela Professora Doutora Edwiges Maria Morato.

Sabe-se que é comum o uso da metáfora ‘máquina’ para fazer alusão ao corpo do homem, num contexto ocidental, capitalista, no qual vivemos, portanto, a ideia do corpo como uma máquina é herdeira de uma concepção de corpo-objeto construída no processo civilizatório da Modernidade, é usada para construir argumentamos em torno de sua mecanização, precisão, força, automatização, forma de funcionamento, mecanismos integrados, etc.

1. *AphasiAcervus* – Novembro de 2010.

Contexto de produção do dado: Os participantes estão sentados ao redor da mesa do café. Conversam sobre as notícias da semana e sobre as estratégias que usam para se comunicar ao esquecerem alguma palavra. Participam dessa conversa os participantes Afásicos EC (mulher, casada, brasileira, 38 anos, formação: curso técnico incompleto em Farmácia) e MS (homem, solteiro, brasileiro, 68 anos, com formação em Letras, ex-professor de inglês) e a participante não afásica: EM (professora do Departamento de Linguística do IEL – Unicamp, responsável institucional pelo CCA). No decorrer da conversa, todos os participantes começam a falar sobre as novidades da semana:

1. *EM* é:/ e como é que tá a máquina/
2. *MS* ah::/
3. *EC* “máquina” ((risos))
4. *MS* e::u num sei
5. *EC* “máquina” ((risos))
6. *MS* +ah:: ah:: ah:: fraco+
7. *MS* +desce o corpo simulando estar fraco+
8. *EM* xx x é fraco/
9. *MS* +fraco... fraco+... ah::
10. *MS* +-----→
11. *EM* fazendo drama... mas é bom... hã sempre ir no médico... você vai num outro cardiologista²

Há, neste trecho, uma pergunta de EM a MS a respeito de seu estado de saúde (no caso, baseado nas condições corporais de MS, que estava à época passando por exames médicos em função de problemas cardíacos). A metáfora (proverbal) utilizada na pergunta de EM a MS, *máquina*, metaenunciativamente repetida por EC na linha 3, não parece ser inicialmente compreendida por MS. Apenas quando EC a repete à linha 5 é que MS se dá conta do sentido metafórico empreendido por EM em sua pergunta à linha 1. Quando isso se dá, ele reage rindo (linha 5), mostrando aos demais que havia entendido a intenção comunicativa de EM por um marcador discursivo (“ah...”), expandindo seu comentário às linhas 6 e 7, de forma multimodal, fazendo gestos e enunciado o estado corporal (e da saúde) atual, que estaria “fraco”.

Nota-se, nesse trecho, como os afásicos se beneficiam de recursos meta (discursivo, enunciativo e linguístico) para explicar o que querem dizer, não excluindo a semiose não verbal que também faz parte da fala.

Segundo Lakoff & Johnson, conceber o corpo como uma máquina configura-se como uma metáfora ontológica, que são as “formas de se conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias” (Lakoff e Johnson, 2002, p. 76), e que, por sua vez, ajuda-nos a lidar de forma racional com nossas experiências no cotidiano. As metáforas ontológicas são, portanto, aquelas que concretizam algo abstrato. No caso da metáfora acima, a ideia de máquina foi corporificada. Na resposta de MS a EM vê-se também que há personificação da metáfora máquina, pois a entidade é especificada como pessoa, no caso, a máquina está fraca. Assim, tem-se uma metáfora ontológica que foi personificada. Percebe-se, neste caso, que ao mesmo tempo em que usamos recursos do domínio fonte ‘máquina’ para referir-se ao corpo humano, usamos os recursos do domínio alvo ‘corpo’ para falar sobre a ‘máquina’; a máquina está fraca. Nota-se também no fragmento conversacional acima que MS responde que sua máquina está ‘fraco’, mostrando ter feito associação entre máquina (substantivo feminino) e corpo (substantivo masculino), em sua resposta MS concorda com o corpo, ou seja, mostra que a associação entre o domínio fonte e o domínio alvo foi estabelecida.

Há, segundo Lakoff & Johnson as metáforas conceptuais chamadas de primárias, que são aquelas motivadas por aspectos físicos como nas Metáforas Conceptuais “Bom é para cima” e “Ruim é para baixo” que geram metáforas como “estou me sentindo para cima hoje” ou “estou meio para baixo hoje” e etc. Dessa forma, temos que nossa

²Agência de fomento: PIBIC/CNPq n.º 001/2014

corporeidade e nossa mente interagem para dar sentido ao mundo. Podemos associar essa experiência (Bom e Ruim), metaforizar e traduzir linguisticamente algo que acontece com o nosso corpo através desse conhecimento corpóreo com o mundo.

2. AphasiaAcervus – junho de 2010

Contexto de produção do dado: Os participantes estão sentados ao redor da mesa conversando sobre as dificuldades da Afasia. Participam dessa conversa um afásico RC (homem, casado, nascido em 1957, engenheiro elétrico aposentado que teve AVC em 1994, cuja maior dificuldade linguística reside na evocação de palavras, apresentando anomias que tornam o seu discurso laborioso) e uma pesquisadora HM (mulher, fonoaudióloga, auxilia na organização dos encontros e no desenvolvimento das atividades). No decorrer da conversa, todos os participantes comentam sobre como RC vem melhorando da memória:

1. *RC não...cinco anos...cinco anos eu tenho AVC...e todo esse tempo...(tô buscando...tô buscando tô buscando)...agora que tá voltando...está: clareando...tem uns três ou quatro meses...prá cá... que tá::...assim...tá buscando...e tá:*
2. *HM começando a me- a clarear mais.*
3. *RC clareando...bem...bem mesmo...então...vocês...vocês tudo...não a: não não...é::...não acreditaram\ não... não acreditaram...tem que melhor mesmo porque*
4. *HM sempre melhor/a né!*

Segundo RC, “Clarear é lembrar”, “Clarear é ver”; essas seriam as Metáforas Conceptuais Primárias, a mente de RC está clareando, ele está lembrando, possivelmente de coisas que esquece ou não consegue acessar devido à afasia. A construção do sentido se dá por meio de uma experiência que temos com o claro e o escuro: no claro vemos com facilidade, já no escuro não. RC tenta ilustrar uma agonia trazida pela afasia, mas que com o tempo está sendo amenizada. Há, nesse trecho, uma tentativa de RC em demonstrar para HM o que acontece com a mente dele, através do uso da metáfora clarear, metaenunciativamente repetida por HM na linha 2. Neste caso, a metáfora está sendo construída no discurso de forma natural, por ser um desdobramento conceptual primário, basal; faz parte do conhecimento partilhado, não há recursos linguísticos ou corpóreos que demonstrem desentendimento do uso dessa palavra. Há também o uso da palavra “buscar”, que nos leva a pensar no cérebro como uma máquina, por exemplo, um computador que está buscando informações dentro de seu sistema, no caso, o cérebro. Há uma série de recursos metafóricos utilizados pelo afásico, ou seja, considerando a prática de construção de objetos de discurso de modo metafórico como um caráter vivo, dinâmico, intersubjetivo, criativo e específico da ação humana de dar sentido ao mundo, organizando-o a partir de cenários discursivos diversos que conduzem olhares por meio de um encaminhamento cognitivo conclui-se que língua e cognição estão interligadas.

Nessa ocorrência também há o uso/entendimento de provérbios como, por exemplo, o “quem quer fazer faz, quem não quer arruma uma desculpa”, que segundo a explicação abordada neste trabalho pode sofrer mudanças para adaptar-se ao contexto de fala, diferentemente dos idiomatismos que tendem a ser mais cristalizados na língua. Podemos aqui observar variação como, por exemplo, “quem quer manda, quem não quer obedece”, coloca em questão a temática do poder.

3. *AphasiaAcervus* – Novembro de 2010

Contexto de produção do dado: Os participantes estão sentados ao redor da mesa conversando sobre um imprevisto ocorrido na resolução de um problema técnico. Participam dessa conversa EM (pesquisadora, professora do Departamento de Linguística do IEL/ Unicamp, coordenadora das atividades do grupo), MS (homem, divorciado, brasileiro, 68 anos, com formação em Letras, ex-professor de inglês) e MN (senhora portuguesa, dona de casa, nascida em 1927, com diagnóstico de afasia transitória decorrente do AVC, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras e produção de parafasias semânticas, em especial). No decorrer da conversa, todos os participantes começam a falar sobre um provérbio:

1. *EM como é que é aquele ditado que quer faz quem num quer...num tem um ditado*
2. *MS e:u...e:: quem quer faz*
3. *EM (num tem!)*
4. *MS [hã:::]*
5. *MN [°quem num quer deixa°]*
6. *EM como é que é!*
7. *MN quem num quer deixa*
8. *EM é:: porque veja...é...a gente num pode ficar na dependência agora do rapaz...ele falou que poderia ligar tal ué agora...né/ enfim mas nós fazemos então.*

Considerando que examinar a língua em uso é entendê-la como produto social, cujo papel de construção do conhecimento, de organização e de compreensão da sociedade é significativo. Ao mesmo tempo em que o falante toma para si o universo de uma língua e com ele constrói mundos discursivos, ele também é tomado por este universo pré-constituído histórico e culturalmente.

Podemos observar a variedade de conhecimentos culturais que atravessam a língua em usos de provérbios, ditados e expressões formulaicas, por exemplo. Principalmente quando há entendimento e compreensão por todos os falantes participantes de uma conversa. No caso acima, temos a introdução de um ditado “quem quer faz, quem não quer arruma uma desculpa”, ou “deixa para lá” como foi o caso.

A pesquisadora EM introduz esse ditado e, logo em seguida, as afásicas MS e MN completam o ditado, não exatamente como é falado, mas corretamente em relação ao seu sentido no mundo, acionando o conhecimento partilhado, mostrando conhecer o ditado socioculturalmente estabilizado. Ou seja, existe aqui a (meta)reformulação, que implica uma tomada de consciência sobre o objeto linguístico, desconstruindo a ideia de que o afásico possui um problema de metalinguagem e, portanto, tem dificuldades de se comunicar.

5.1. Discussão e conclusão dos resultados

A observação de dados como os que trouxemos aqui provoca a seguinte questão: o que a afasia, como perturbação da metalinguagem, implica para estas atividades (meta)reformulativas? Sabemos que o afásico tem um problema de linguagem, assim como muitos autores afirmam, mas de modo por vezes generalista: que afásicos têm problemas de metalinguagem e, portanto, não conseguem fazer abstrações, refletir sobre a língua e etc.

A análise do nosso *corpus* mostra que isso não é verdade; o afásico se beneficia de recursos de ordem metadiscursiva, metalinguística e também de semioses não verbais para explicar aos demais participantes da interação o que quer dizer ou como interpreta. Se a reformulação da fala pelos afásicos implica uma tomada de consciência sobre o objeto linguístico, o que a relação entre reformulação e reflexividade linguística pode revelar sobre as relações entre linguagem e cognição nas afasias? Podemos afirmar que há uma relação dialética entre o linguístico e o cognitivo; como afirma Morato (1996): “não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos ou domínios do pensamento fora da linguagem e nem linguagem fora de processos ou práticas interativas humanas”. Pelo exposto acima, percebe-se que sim, o afásico tem um problema metalinguístico, mas isso não o impede de refletir sobre a língua, de buscar um significado para o que está sendo exposto. Ao produzir a expressão interjectiva “ahh” o interlocutor do afásico elucida que resgatou o significado da expressão ou palavra usada no momento; nota-se, nessas circunstâncias, que o afásico reflete sobre a língua e, possivelmente, com todas as suas dificuldades de fala tenta expressar de alguma forma, ou com gestos, vocalizações e etc. o que constrói em termos de conceptualização. Isso num contexto em que o afásico, pelas características de sua fala, tem menor produção verbal e fluxo enunciativo. Observa-se que de fato os afásicos possuem uma participação multimodal e rica na interação, mas pelos motivos mencionados acima, a produção verbal, em função das dificuldades linguísticas, acaba sendo menor em relação às pessoas não-afásicas presentes na interação. Nesse caso, no que tange à comunicação, não podemos dizer que a mesma sofreu impedimento, e sim comprometimento, uma vez que comunicar é muito mais do que meramente manifestar ou verbalizar. Afásicos, assim como os seus interlocutores não afásicos, servem-se de recursos semióticos verbais e não verbais disponíveis e constitutivos da significação, importantes para se fazerem entender e atuar na interação: expressões gestuais, pistas de contextualização, direcionamento do olhar, etc. Portanto, conclui-se com este apanhado geral sobre metáforas em contextos afasiológicos que os afásicos conseguem, com todas as suas dificuldades linguísticas, compreender, processar e produzir processar metáforas.

O pensamento está vivo em cada metáfora, pois entre a habilidade cognitiva de identificar analogias metafóricas e a construção de um enunciado metafórico real o usuário deste recurso precisa fazer uso do meio expressivo de que dispõe, no caso, a sua língua. Assim, vemos que a relação dialética existe entre linguagem x pensamento.

Considerando o exposto, é possível afirmar que é de grande valia a contribuição da Neurolinguística às suas duas áreas de interesse (Neurociências e a Linguística) no que tange ao fenômeno da metaforicidade em contextos de afásicos e não-afásicos, de forma a apontar cada vez mais para novos horizontes de pesquisa. Contudo, dada as muitas questões que ainda permanecem em aberto, é importante a consideração dos estudos críticos que envolvem dicotomias fortes entre o linguístico e o conceptual, bem como a correlação direta entre estrutura e funcionamento da linguagem e estrutura e funcionamento cerebral.

6. PERSPECTIVAS

Dado a complexidade do assunto, faz-se necessária a continuidade do trabalho a fim de um maior detalhamento para uma melhor compreensão/entendimento da questão da metalinguagem nos afásicos, bem como o desenvolvimento das teorias emergentes de metáforas em situação real de uso. Como foi discutido quando abordamos os pontos de crítica ligados à Teoria Conceptual da Metáfora, torna-se cada vez mais objeto de pesquisas recentes os aspectos funcional, comunicativo e interacional da metáfora em termos pragmáticos, com foco na sua função no uso por participantes reais em situações autênticas de comunicação. Tendo isso em vista, pretendemos continuar esta pesquisa no programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, a partir de 2015.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMERON, L.; DEIGNAN, A. (2006). The emergence of metaphor in discourse. *Applied Linguistic* 27/4, p. 617 – 690.
- CAZELATO, S. E. de Oliveira. (2003). A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo. Campinas, SP.
- GERHARDT, A.F.L. M. (2003). Teorias e conceitos na linguística cognitiva (in)compreensões. Campinas: Cadernos os Estudos Linguísticos. n 45, Jul/Dez., p. 21-32. Kövecses, Z. (2000). *Metaphor and Emotion*. New York and Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M.(2002). *Metáforas da Vida Cotidiana*. São Paulo: Ed. Mercado de Letras.
- MACHADO, A. B. M (2006). Estrutura e Funções do Córtex Cerebral. In: *Neuroanatomia Funcional*. São Paulo: Ed. Atheneu, p. 256-274.
- MARCUSCHI, L.A. (2002). Do código para a cognição: o processamento referencial como atividade cognitiva. *Veredas*. n. 13, p. 43-62.
- MARCUSCHI, L.A. (2000). *Análise da conversação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 94p.
- MARCUSCHI, L.A. (2001). *Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L.A. (2001). Atos de referenciação na interação face a face. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 41, p. 37 – 54.
- MUSSALIM, F. (org.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez.
- MORATO, E. M. (2012). Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. *Porto Alegre, Letras de Hoje*. v. 47, n. 1, p. 45-54.
- MORATO, E. M. (2004). Neurolinguística. In *Introdução a Linguística*, BENTES, A.C. e MORATO, E. M. p. 167 – 198.
- MORATO, E. M. (2010). A noção de frame no contexto neurolinguísticos: o que ela é capaz de explicar?. *Cadernos de Letras da UFF- Dossiê: Letras e cognição*. n 41, p. 93-113.

- MORATO, E. M. (2001). (In)Determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. Campinas: Cadernos dos Estudos Linguísticos. n 41, Jul/Dez., p. 55-74.
- MORATO, E. M. (2008). O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. Belo Horizonte: Revista dos Estudos Linguísticos. v.16, n. 1, Jan/Jun., p. 157-177.
- MORATO, E. M. (2012). O estudo da metaforicidade no campo da neurolinguística: velhas questões, novos desafios In: *Cognição na Linguagem*. Florianópolis: Editora Insular, p. 177-218.
- MORATO, E. M. (2008). O estatuto sociocognitivo do contexto na orientação argumentativa das práticas referenciais. Universidade Estadual de Campinas/ CNPq, p. 81- 97.
- MORATO, E. M. (2004). O interacionismo no campo linguístico. In *Introdução a Linguística*, BENTES, A.C. e MORATO, E. M. p. 311 – 351.
- MORATO, E. M. (2010). As querelas da semiologia das afasias. In: *A semiologia das Afasias*, org.: MORATO, E. M. Editora: Cortez. p. 23 – 47.
- MORATO, E. M. (2005b). Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I.; MORATO, E.; BENTES. A. C. (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto., p.243-263.
- MORATO, E. M. (2005a). Aspectos sociocognitivos da atividade referencial: as expressões formulaicas. In: Miranda, N.; NAME, M. C. (Org.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, p.79-94.
- MOURA, H. (2007). Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*. v. 7, n. 3, p. 417-452.
- MOURA, H. (2008). Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. *Revista Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 179 – 200.
- OLIVEIRA, M. Livia. (2008). Afasia e o modelo interacional de comunicação. In: *Revista Gatilho*. UFJF, ano IV, v. 7, p. 10.
- SARDINHA, T. B. (2007). *Metáfora*, Ed. Parábola, SP.
- VEREZA, S. C. (2007). Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis) curso – LemD*. v. 7, n. 3, p. 487-506.
- VEREZA, S. C. (2007). *Literalmente Falando*. Rio de Janeiro: ED. Eduf.
- VEREZA, S. C. (2010). O lócus da metáfora: linguagem e pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, n 14, p. 199-212.
- XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, NUT, v. 8, p. 183-194, 2002.
- XATARA, C. M; SUCCI, T. M. (2008). Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas Online – Atemática – PPG linguística/UFJF*. p. 33-48.